

EXCLUSÃO SOCIAL RIBEIRINHA: UM ESTUDO DE CASO NA COMUNIDADE DE NAZARÉ

Nara Eliana Miller Serra

Introdução

Discorre-se neste texto as manifestações culturais que influenciaram no comportamento das populações ribeirinhas em apenas cultivar o necessário à sua subsistência. Busca-se as razões pelas quais são normalmente alcunhados de "preguiçosos", pelo simples fato do caboclo conservar os vestígios da inteligência inventiva de seus ancestrais, e se manterem as margens dos rios em luta constante contra as adversidades naturais e as do próprio homem.

Nesse contexto, compreender os aspectos de produção requer um olhar diferenciado, pois os ribeirinhos são populações tradicionais com características próprias, requerendo portanto, tratamento, olhares e políticas que contemplem o seu modo de viver, suas peculiaridades e seus aspectos culturais.

Formação das Comunidades ribeirinhas

A maioria dos grupos ribeirinhos das margens do Rio Madeira, é formada de povos indígenas e pelo migrante nordestino que chegou à Amazônia nos tempos áureos da extração da borracha, integrando o então chamado contingente dos "soldados da borracha". Uma força gigantesca os impulsionava cada vez mais para o miolo da mata em busca das pélas. A fibra, a resistência do retirante, a capacidade de vencer o clima, davam ao nordestino a superioridade sobre tudo que se lhes tentasse impedir a "marcha conquistadora", e o Rio Madeira e seus contribuintes e respectivos tributários eram conquistados finalmente, por uma população disposta a enriquecer (SILVA:1994). Vieram em busca de realizar seus sonhos, deixando o então "Brasil sertanejo, real, pobre, analfabeto e inculto (CHAUÍ: 2000) e percorrer os estados do norte, fixando-se em vários pontos, entre eles, o então Território de

Rondônia. Por aqui chegaram trazendo a coragem que lhes é peculiar, o desejo de iniciar uma nova vida, com fartura, onde a natureza prodigiosa com suas matas verdejantes, seus rios caudalosos e sua infinidade de peixes, o multicolorido das aves e seus cantos que encantam, os animais selvagens tudo lhes prometia a realização de mudança e a certeza de poderem conviver com o mítico e o real na esperança de que seria o "Brasil das mil possibilidades".

Este sonho para muitos, tornou-se pesadelo culminando em muitas mortes. Quanto aos indígenas, habitantes naturais, fugindo da civilização dos brancos, procuraram os rios e igarapés, ou entre rios para se fixarem, escapando desta forma à perseguição dos exploradores, não se submetendo a trabalhos forçados. Índios e nordestinos ao tentarem se aproximar travaram muitas lutas e tiveram muitos conflitos fatores que contribuíram para que o índio fosse perdendo seu lugar na terra e muitas tribos dizimadas. Apesar de tudo, conseguiram sobreviver através da miscigenação étnica cultural, estando hoje, constituindo a população ribeirinha que habita ao longo das margens dos rios e também deram origem a vilas, lugarejos e cidades da região. Segundo BENCHIMOL (1999) o seu ciclo de vida se adaptava às peculiaridades regionais, dela retirando seus recursos materiais de subsistência e as fontes de inspiração de seu imaginário de mitos, lendas e crenças.

Nas populações ribeirinhas, os traços indígenas são visíveis, basta se prestar atenção a cor morena que predomina, nos cabelos pretos e lisos, na postura de conversar de cócoras, na destreza de manipular o arco e a flecha ou ainda, quando muitas crianças são chamadas de "curumins ou cunhantãs". Os traços culturais, também, são praticamente advindos do índio de quem o ribeirinho herdou o conhecimento dos rios, lagos e igarapés; o aproveitamento das várzeas, a convivência com o regime de enchentes, a construção das moradias em paxiúba, o uso da floresta e da terra firme, a prática agrícola do roçado da mandioca e o preparo da farinha, artesanato de cipó, de barro, a cuia, os enfeites, as redes, o preparo do peixe, a integração e contemplação da natureza, a prática do acolhimento, a visão mágica do mundo, as danças, os mitos, os rituais, as ervas medicinais, o ato de benzer, e o hábito de viver o dia-a-dia sem a preocupação de acumular.

Assim indígenas e sertanejos trocaram experiências, criaram identidade oriunda de um povo que buscava através de sua coragem um outro mundo, e os então senhores a terra, mesmo divergindo em costumes, linguagem e modo de

viver, conseguiram juntar suas diferenças e dar origem a uma nova formação para a cultura das sociedades amazônicas. Só não conseguiram foi o reconhecimento de sua identidade social, sendo ainda chamados de forma preconceituosa de beradeiros, matuto, caipira, mura, com se neles fossem reconhecido seres inferiores.

Beradeiro/ribeirinho é o indivíduo nativo, caboclo autêntico que se fixou às margens dos rios da Amazônia, estabeleceram relação diferenciada com as águas, tendo sua produção e organização influenciada pelo ritmo das águas. O termo beradeiro é utilizado por quem tem a faixa etária acima dos cinquenta anos e possui reminiscência do período da Colônia Agrícola do Beiradão. A expressão ribeirinho é mais recente, aceita pelos mais jovens, fugindo dos aspectos pejorativos que atribuem ao beradeiro como matuto e tolo. Para Martins (1990) são expressões de modo de vida que reflete uma das facetas do campesinato brasileiro.

Essa herança tão rica e singular, não vista ainda como traço cultural de uma gente tão brasileira, que é o povo amazônida, ainda se reflete pensamentos tais como descreve Tocatis(1970):

No selvagem de cultura inferior, de alma ingênua e vida rudimentar (...) a razão emitiu vôo cego da crença polimorfa, sem nenhum sentido estético, ao contrário do que se sucedeu nos povos de elevação espiritual, dos quais os gregos merecem destacado lugar.

Espalhadas no ambiente Amazônico, formaram populações isoladas e carentes, criando, reorganizando sua forma de viver onde "as margens simbólicas se equilibram, umas e outras, mais ou menos sutilmente, mais ou menos globalmente, conforme a coesão das sociedades e também conforme o grau de integração dos indivíduos no grupo"(DURAM:1998).

O Sistema Produtivo

Não restam dúvidas que, em conseqüência dessa diferenciação, os ribeirinhos passam por um processo de exclusão, que não se manifesta de forma explícita, mas na forma de tratamento, na desvalorização de seus produtos, no poder de barganha dos atravessadores que lhes impõe preços menores colocando-os muitas vezes na condição de submissos: ou aceitam o que lhes é oferecido ou refugam a colheita ou produção, conforme relato de um morador de Nazaré:

"Quando a gente chega lá, eles querem dar o preço deles e, como a gente não tem outra saída, o jeito é aceitar o que eles querem pagar. A gente acaba cedendo. Aí então, chega outra pessoa para comprar deles, eles vendem por um preço duas vezes mais do que pagou, na nossa frente, e a gente tem de ficar calado, porque o que se há de fazer? ... então é melhor a gente ficar por aqui mesmo e ir vivendo conforme Deus quer, porque é muito "sacrificoso" o trabalho que a gente tem.. e o pessoal nunca dá o valor que a gente merece"

A exclusão não se esgota no afastamento do mercado de trabalho, mas ganha significação tanto mais drásticas no processo de destruição de valores integrativos tradicionais, atingindo os patamares da precariedade marcada pela não-pertença e impotência(DEMO, 1998).e, ainda segundo Goffman(1963) a estigmatização de certos membros de raças, religiosas ou étnicos tem funcionado, aparentemente, como meio de afastar estas minorias de diversas formas de competição.Dentro dessa realidade, seria o beradeiro, o caboclo, o ribeirinho, preguiçoso?

Almeida (1987) nos afirma: Preguiçoso o caboclo não é. O que acontece é que tradicionalmente ele vem sendo enganado em seus negócios pelos "barões" e frustrado pela injustiça social, da qual até então, tem sido vítima; de modo que ele chega com isso a perder o estímulo de produzir muito, pois de qualquer forma, produzir muito ou pouco, quase nada vai influenciar economicamente, no seu modo de viver. Acomodado sim, ele é, porque neste Amazonas, a mãe-natureza providencia "de graça" o necessário à sua sobrevivência, sem que ele, o caboclo, tenha que andar correndo. Burro quanto aos conhecimentos das ciências e das letras isso é verdade, porém, para os que não tiveram a oportunidade de galgar degraus das escolas e das universidades, ainda inexistentes nestas paragens, mas os privilegiados, esses não se envergonham, são tão capazes e preciosos tanto quanto o ouro, a prata, o diamante, o ferro e a madeira que também saem das selvas.

Inegavelmente, o caboclo amazonense é inteligente, inteligentíssimo, capaz de assimilar com rapidez e particularidade o que lhe ensinam ou vê alguém fazer, chegando a criar e fazer espontaneamente, sem nenhuma orientação técnica, coisas admiráveis.

Na verdade, o ribeirinho do Distrito de Nazaré, não possui produção propriamente dita, pois basicamente produz para sua subsistência, considerada de cultura primitiva, sendo seus utensílios e ferramentas totalmente artesanais, envolve

a família no plantio, colheita e produção, ou ainda, conta com a colaboração dos "compadres" sob troca de serviços, principalmente no cultivo e produção da farinha atividade de maior concentração que proporciona a comercialização, apenas do excedente. Para Demo(1998) a carência material é a casca externa da desigualdade social, cujo cerne está na "pobreza política"; tal reconhecimento seria suficiente para perceber que o combate a pobreza não passa em primeiro lugar pela assistência, mas pela reinvenção da cidadania do excluído. O que implica no aspecto produtivo é a situação de abandono que estas populações estão submetidas. No caso específico de Nazaré, a maioria dos adultos são analfabetos; para as crianças e jovens, apenas o Ensino Fundamental. Como despertar para uma visão de mundo e inserção no mercado seja de trabalho, seja de produção de forma competitiva se as mínimas condições de saúde, habitação, educação e higiene são insatisfatórias?

Segundo Demo, há três caminhos quase sempre combinados, para se ganhar a vida: mercado formal, mercado informal e assistência social. Por certo o mais frágil é a assistência social, porque diante das imposições do mercado, tenderá a ser residual, seja em termos de atendimento, seja em termos de recursos.

Conclusão:

Para se compreender a dimensão do comportamento das populações ribeirinhas diante do processo produtivo e a sua exclusão enquanto ser originário de uma nova formação, de uma cultura tradicional, quase primitiva, embora já possam contar com a energia elétrica, a televisão e o rádio, há um longo caminho a ser percorrido. O que se percebe é a ausência dos poderes constituídos, de políticas públicas voltadas à essa realidade, de diretrizes que contemplem as peculiaridades desta população, a ausência de assistência técnica e de programas que possibilite o desenvolvimento sócio-econômico-ambiental. Identificá-los como "preguiçosos e improdutivos" é a mais cômoda das justificativas para quem não tem comprometimento com as comunidades ribeirinhas, e desconhece as dificuldades, o isolamento e o estado de pobreza em que estas populações se encontram.

Bibliografia

ALMEIDA, Raimundo Neves. NA BEIRA DO BARRANCO. Estórias - crendices - sentimentos e humor do caboclo do madeira. Genese, Porto Velho, 1987.

BENCHIMOL, Samuel. A AMAZÔNIA. Formação Social e Cultural. Valer, Manaus,1999.

CHAUÍ, Marilena. BRASIL: MITO FUNDADOR E SOCIEDADE AUTORITÁRIA. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2000.

DEMO, Pedro. CHARME DA EXCLUSÃO SOCIAL. Autores associados, São Paulo, 1998.

DURAND, Gilbert. A IMAGINAÇÃO SIMBÓLICA. Cultrix/Edusp, São Paulo,1988